

# Ensino de matemática busca renovação

CRISTINA RAMALHO

A partir do próximo ano, os professores e alunos de matemática vão contar com três novas coleções de livros didáticos. Coloridas, leves e sintéticas, as coleções **Matemática na medida certa**, de José Jakubovic e Marcelo Lellis (Editora Scipione), **Para aprender Matemática**, de Iracema Mori e Dulce Onaga (Editora Saraiva) e **Matemática e Vida**, de Bongiovanni, Vissoto e Laureano (Editora Ática), surgem como uma alternativa às rotineiras publicações no setor. Em comum, as três obras marcam a tendência de modificação do ensino de matemática e revelam a dimensão das falhas na aprendizagem tradicional. "É preciso entender por que tanta gente não só não aprendeu matemática como tem trauma da matéria", explica o professor Luiz Imenes, que acaba de defender uma tese de mestrado com o título "Matemática — o fracasso na aprendizagem", Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Imenes desmistifica os dois grandes chavões dessa ciência: ser a única responsável pelo desenvolvimento do raciocínio lógico e garantir, de qualquer forma, que seja ensinado esse raciocínio.

Temida pelos alunos e vista por muita gente como uma abominável lembrança dos tempos de escola, a matemática conquistou o status de estrela inacessível. A criança é obrigada a assimilar conceitos que não consegue compreender (porque ainda não tem capacidade de abstração), e os próprios professores transmitem as técnicas de forma mecânica, desvinculando as operações da realidade.

A evolução tecnológica obriga, cada vez mais, o domínio básico da matemática. "O mundo está se transformando, e a matemática é essencial para o

exercício da cidadania", diz Imenes. Sua tese demonstra que as falhas de conhecimento da matemática são um problema universal e muitas tentativas de subestimar essa ignorância no trato com os números fracassaram. Nos anos 60 surgiu a matemática moderna, baseada na teoria dos conjuntos, que só acentuou esses problemas, segundo Imenes. "A matemática moderna imagina que a criança é um adulto-mirim e se distancia de seu cotidiano", acusa o professor.

Como soluções possíveis, Imenes aponta a participação da criança no processo de aprendizagem, utilizando jogos, materiais diversos e tirando do professor o rótulo de autoridade do saber. No mesmo caminho, os profissionais da Coordenadoria de Normas Pedagógicas da Secretaria Estadual de Educação (Cenp) vêm trabalhando numa reforma curricular para o ensino da matemática. "Estamos discutindo com os professores as formas de estímulo da criança", diz Carmem Scriptori, coordenadora de matemática da Cenp, cuja equipe iniciou uma pesquisa para localizar os principais problemas dos alunos e acabou encontrando as falhas nos professores da rede. "Os professores desconhecem a lógica da criança e costumam apelar para o saudosismo, como se antes as pessoas soubessem matemática", diz Carmem.

Para os educadores da Cenp, as quatro operações e a tabuada eram necessariamente decoradas, algo que significava maior domínio do assunto. "Não existe nenhuma relação entre saber fazer contas e a inteligência", garante Carmem. Mas as modificações no ensino vão demorar a acontecer nas salas de aula. "Vivemos duas realidades distintas, a das propostas e o que chega para os alunos", afirma Carmen.